

Criptografia RSA gaussiana

Luis Antonio Coêlho

Trabalho de Conclusão de Curso - apresentado à
Faculdade de Tecnologia da
Universidade Estadual de Campinas

Orientadora: **Profa. Dra. Juliana Bueno**

3 de março de 2017

Resumo

O presente artigo expõe o resultado da pesquisa para TCC sobre o algoritmo de criptografia RSA gaussiano.

Sumário

1	Introdução	2
2	Primos e Fatoração	7
2.1	Ciclos e Restos	7
2.2	Números Primos e Compostos	7
2.3	Fatoração	8
3	Operações Modulares	10
3.1	Definição de módulo	10
3.2	Propiedades das congruências	11
4	Inversos Modulares	13
4.1	Inversos modulares	13
4.2	Inexistência e existência de inversos	14
	15	
	Bibliografia	16

Capítulo 1

Introdução

O sigilo sempre foi uma arma explorada pelos seres humanos para vencer certas batalhas, mesmo que na cotidiana missão de se comunicar. Foi a partir dessa necessidade que se criou o que chamamos de *criptografia*, nome dado ao conjunto de técnicas usadas para se falar e escrever em códigos. Seu objetivo é garantir que apenas as pessoas envolvidas na comunicação possam compreender a mensagem codificada (ou criptografada), garantindo que terceiros não saibam o que foi conversado.

Para compreender como funciona o processo de codificação e decodificação faz-se necessário o uso de uma série de termos técnicos, para fins pedagógicos iremos introduzir tais conceitos apresentando um dos primeiros algoritmos criptográficos que se tem conhecimento, a criptografia de César, além de seus sucessores.

A chamada *criptografia de César*, criada pelo imperador romano César Augusto, consistia em substituir cada letra da mensagem por outra que estivesse a três posições a frente, como, por exemplo, a letra A era substituída pela letra D.

Uma forma muito natural de se generalizar o algoritmo de César é fazer a troca de cada letra da mensagem por outra em uma posição qualquer fixada. A chamada *criptografia de substituição monoalfabética* consiste em substituir cada letra por outra

que ocupe n posições a sua frente, sendo que o número n é conhecido apenas pelo emissor e pelo receptor da mensagem. Chamamos este número n de *chave criptográfica*. Para podermos compreender a mensagem, precisamos substituir as letras que formam a mensagem criptografada pelas as que estão n posições antes.

O algoritmo monoalfabético tem a característica indesejada de ser de fácil decodificação, pois possui apenas 26 chaves possíveis, e isso faz com que no máximo em 26 tentativas o código seja decifrado. Com o intuito de dificultar a quebra do código monoalfabético foram propostas as *cifras de substituição polialfabéticas* em que a chave criptográfica passa a ser uma *palavra* ao invés de um número. A ideia é usar as posições ocupadas pelas letras da chave para determinar o número de posições que devemos avançar para obter a posição da letra encriptada. Vejamos, por meio de um exemplo, como funciona esse sistema criptográfico.

Sejam “SENHA” a nossa chave criptográfica e “ABOBORA” a mensagem a ser encriptada. Abaixo colocamos as letras do alfabeto com suas respectivas posições. Observe que repetimos a primeira linha de letras para facilitar a localização da posição da letra encriptada e usamos a barra para indicar que estamos no segundo ciclo.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Y	W	Z
27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
\overline{A}	\overline{B}	\overline{C}	\overline{D}	\overline{E}	\overline{F}	\overline{G}	\overline{H}	\overline{I}	\overline{J}	\overline{K}	\overline{L}	\overline{M}

Vejamos como encriptar a palavra “ABOBORA”. Iniciamos o processo escrevendo a mensagem. Ao lado de cada letra da mensagem aparece entre parênteses o número que indica a sua posição. Abaixo da mensagem escrevemos as letras da chave criptográfica, repetindo-as de forma cíclica quando necessário. Analogamente, ao lado de cada letra da chave aparece entre parênteses o número da posição ocupada de cada letra, e o sinal de soma indica que

devemos avançar aquele número de posições. Ao final do processo aparecem as letras encriptadas. Entre parênteses está a posição resultante da combinação das posições da mensagem e da chave.

A(1)	B(2)	O(15)	B(2)	O(15)	R(18)	A(1)	Mensagem
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	
S(+19)	E(+5)	N(+14)	H(+8)	A(+1)	S(+19)	E(+5)	Chave
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	
T(20)	G(7)	C(29)	J(10)	P(16)	K(37)	F(6)	Mensagem encriptada

Observe que a encriptação polialfabética é mais difícil de ser quebrada que a monoalfabética uma vez que letras iguais não têm, necessariamente, a mesma encriptação. Observe que neste tipo de criptografia o emissor precisa passar a chave para o receptor da mensagem de forma segura para que o receptor possa decifrar a mensagem, isto é, a chave usada para encriptar a mensagem é a mesma que deve ser usada para decifrar a mensagem. Veremos que esse é justamente o ponto fraco nesse tipo de encriptação pois usa a chamada *chave simétrica*, ou seja, a chave usada pelo emissor para codificar a mensagem é a mesma usada pelo receptor para decodificar a mensagem. Nesse processo, a chave deve ser mantida em segredo e bem guardada para garantir que o código não seja quebrado e isso requer algum tipo de contato físico entre emissor e receptor.

Durante a Primeira Guerra Mundial o contato físico para a troca de chaves era complicado, e isso estimulou a criação de máquinas automáticas de criptografia. O *Enigma* foi uma destas máquinas e era utilizada pelos alemães tanto para criptografar como para descriptografar códigos de guerra. Semelhante a uma máquina de escrever, os primeiros modelos foram patenteados por Arthur Scherbius em 1918. Essas máquinas ganharam popularidade entre as forças militares alemães devido a facilidade de uso e sua suposta indecifrábilidade do código.

O matemático Alan Turing foi o responsável por quebrar o código dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. A descoberta de Turing mostrou a fragilidade da criptografia baseada em chave simétrica e colocou novos desafios à criptografia. O

grande problema passou a ser a questão dos protocolos, isto é, como transmitir a chave para o receptor de forma segura sem que seja necessário o contato físico entre as partes?

Em 1949, com a publicação do artigo *Communication Theory of Secrecy Systems* [Sha49] de Shannon, temos a inauguração da criptografia moderna. Neste artigo ele escreve matematicamente que cifras teoricamente inquebráveis são semelhantes as cifras polialfabéticas. Com isso ele transformou a criptografia que até então era uma arte em uma ciência.

Em 1976 Diffie e Hellman publicaram *New Directions in Cryptography* [DH76]. Neste artigo há a introdução ao conceito de *chave assimétrica*, onde há chaves diferentes entre o emissor da mensagem e seu receptor. Com a assimetria de chaves não era mais necessário um contato tão próximo entre emissor e receptor. Neste mesmo artigo é apresentado o primeiro algoritmo de criptografia de chave assimétrica ou como é mais conhecido nos dias atuais *Algoritmo de Criptografia de Chave Pública*, o protocolo de Diffie-Hellman.

Um dos algoritmos mais famosos da criptografia assimétrica é o *RSA*(RIVEST et al, 1983) [RSA78], algoritmo desenvolvido por Rivest, Shamir e Adleman. Este algoritmo está presente em muitas aplicações de alta segurança, como bancos, sistemas militares e servidores de internet, e ele utiliza para a geração de chaves dois números primos de grandeza superior a 2^{512} multiplicados entre si.

Neste trabalho será feita a exposição detalhada da chamada criptografia RSA clássica, enfatizando a parte matemática relacionada à Teoria dos números, necessária para a construção do algoritmo.

O maior objetivo deste artigo é analisar a viabilidade de uma criptografia inspirada pelo algoritmo RSA clássico, a qual substitui os números primos pelo conjunto denominado de *primos de Gauss*, resultando, assim, no que chamamos por *criptografia RSA*

gaussiana. Para que tal algoritmo seja viável é necessário se adaptar uma série de propriedades relativas aos números primos aos números primos de Gauss. Dessa forma, nossa tarefa será adaptar tanto quanto o possível os primos de Gauss às demonstrações desses teoremas.

Como se trata de uma proposta inovadora, deixamos para trabalhos futuros uma análise comparativa entre as criptografias RSA clássica e a RSA gaussiana.

Capítulo 2

Primos e Fatoração

2.1 Ciclos e Restos

Para podermos compreender a aritmética modular, precisamos começar entendendo o conceito de ciclicidade, que são os fatos que ocorrem sempre após um determinado período constante. Um bom exemplo deste conceito é o nascer do sol, que é um evento que ocorre sempre após um ciclo de 24 horas, assim como o dia de seu aniversário ocorre uma vez a cada ciclo de um ano.

O mesmo tipo de evento é observado com o resto dos números inteiros. Tomemos por exemplo os restos de divisão pelo número inteiro 4:

<i>Inteiro</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
<i>Resto</i>	1	2	3	0	1	2	3	0	1	2	3	0

É visível que após 4 números o resto tende a se repetir. O mesmo feito ocorre a qualquer número inteiro n , onde o ciclo se repetirá sempre a cada n iterações. Os números que apresentam o resto 0 são conhecidos como múltiplos de n .

2.2 Números Primos e Compostos

Existe um tipo especial de número que só é múltiplo, ou seja, possui resto 0, em duas condições, quando n é igual a 1 ou quando ele é igual a n . A esse conjunto de números atribui-se o nome de *números primos*.

Existem infinitos números primos, caso não acredite vamos supor que o conjunto finito de primos seja composto por p_1, p_2, \dots, p_r . Considerando que o número inteiro $n = (p_1)(p_2)\dots(p_r) + 1$. n deve possuir um fator p , que está contido em p_1, p_2, \dots, p_r , mas isso significa q p divide 1, o que é absurdo e prova que o conjunto não tem fim.

Todo o número que não é primo é chamado de *Número Composto*, sendo que este número composto pode ser escrito em uma combinação única de fatores primos. O processo de se descobrir estes fatores é chamado de *fatoração*.

2.3 Fatoração

Anteriormente falamos que todo o número pode ser escrito por uma combinação de fatores primos, neste capítulo vamos abordar como se pode obter estes fatores.

Começamos por escolher o número inteiro n ao qual iremos fatorar, em seguida testamos a sua divisibilidade por 2, se for tente dividi-lo novamente por 2, senão passa-se para o próximo número primo, o 3. Repete-se esse procedimento até chegarmos a \sqrt{n} , caso não achemos nenhum fator primo até \sqrt{n} , n é primo.

Quando acabamos de realizar a fatoração, chegamos a um número fatorado da forma $n = (2^{a_1})(3^{a_2})\dots(p^{a_p})$, todo o número inteiro pode ser escrito nessa forma, chamada forma fatorada, veja, por exemplo o $12 = (2^2)(3^1)$ e o $19 = (19^1)$.

Essa forma fatorada nos é formalmente apresentada pelo *Teorema da Fatoração Única*. Ele nos diz que dado um número inteiro $n \geq 2$ pode-se escrevê-lo de forma única como:

$$n = (p_1^{e_1})\dots(p_k^{e_k})$$

onde $1 < p_1 < \dots < p_k$ são primos e e_1, \dots, e_k são inteiros.

Mesmo algoritmo da fatoração sendo tão simples de se compreender, ele é demorado até para os mais modernos computadores. Para se ter uma ideia disto, um computador comum executa cerca de 50 divisões por segundo, para se calcular com certeza que um número próximo a 10^{100} é primo ele levaria cerca de 317 decilhoes de anos.

Capítulo 3

Operações Modulares

3.1 Definição de módulo

Já lhe foi apresentado anteriormente o conceito da ciclicidade para a definição de restos, neste capítulo iremos nos aprofundar mais sobre esse conceito, estudando as propriedades necessárias da aritmética modular para a elaboração da criptografia RSA.

Um dos conceitos mais importantes da aritmética modular é o de congruência, representado pelo símbolo \equiv . Talvez o exemplo mais comum de congruência em nossas vidas sejam os dias da semana, embora o número do dia venha a variar ao longo do mês, sempre após 7 dias voltará a ser domingo, por exemplo, logo a semana é uma congruência de módulo 7.

Para exemplificar vamos supor que primeiro domingo deste mês foi dia 4, e o último será dia 25, logo temos que

$$4 \equiv 25(mod7)$$

Fique claro que o que tornou 25 congruente a 4 no módulo 7 não foi o fato de caírem no mesmo dia, isso é apenas um consequência, o que os torna congruentes é o fato de que divididos pelo módulo, no caso 7, eles apresentam o mesmo resto. Esse fato não se repete, por exemplo, se o módulo for 5, neste caso $4 \equiv 4(mod5)$ e $25 \equiv 0(mod5)$.

3.2 Propiedades das congruências

Assim como as igualdades e desigualdades, as congruências também possuem uma listagem de propriedades em suas operações. Ao longo desta seção lhe serão demonstradas essas propriedades. Fique atento pois as propriedades das congruências nos facilitarão a compreensão de alguns conceitos importantes do algoritmo RSA mais a frente.

A primeira propriedade das congruências, e a mais simples dela, é a *reflexiva*, onde se diz que um número sempre é congruente a si mesmo. Para termos certeza vamos tomar um número qualquer a , sendo $a \equiv a \pmod{n}$, é equivalente dizermos que $a - a \equiv 0 \pmod{n}$. Por 0 ser múltiplo de qualquer número podemos confirmar que $a \equiv a \pmod{n}$.

A propriedade *simétrica* nos diz que se $a \equiv b \pmod{n}$, $b \equiv a \pmod{n}$. A afirmação anterior pode ser escrito como se $a - b$ é múltiplo de n , mas para isso deve ocorrer algum número k que equivala à:

$$a - b = k \cdot n$$

Caso multipliquemos esta equação por -1 , vamos obter:

$$b - a = (-k) \cdot n$$

Que nos prova que $b - a$ é múltiplo de n , logo $b \equiv a \pmod{n}$.

A terceira propriedade das congruências é a *transitiva*, onde se diz que se $a \equiv b \pmod{n}$ e $b \equiv c \pmod{n}$, $a \equiv c \pmod{n}$. Para prová-la vamos observar as equações

$$a - b = k \cdot n \quad \text{e} \quad b - c = l \cdot m$$

Sabendo que k e l são inteiros escolhidas de forma adequada as equações, podemos somar as equações, resultando em:

$$(a - b) + (b - c) = k \cdot n + l \cdot m$$

Que pode ser simplificada em:

$$a - c = (k + l) \cdot m$$

Essa equação equivale em valor a $a \equiv c(mod n)$, logo a propriedade transitiva é válida.

Capítulo 4

Inversos Modulares

4.1 Inversos modulares

Nosso objetivo com o decorrer deste capítulo é o de explicar a operação matemática mais importante para para o algoritmo RSA. Para podermos compreendê-la vamos relembrar do conceito ensinado no colégio de inverso multiplicativo, que consiste em obter o número que multiplicado a um número n qualquer resulte em 1. A operação do inverso modular parte do mesmo princípio.

Vamos supor que queremos obter o inverso modular de 6 para o módulo 7, o que nós teremos que fazer então é encontrar qual o número que multiplicado por 6 tem resto 1 quando dividido por 7. Começamos pelo 1, teremos que $6 \cdot 1 = 6$, $6 \equiv 6(mod7)$. Com 2 o resultado será 12, logo $12 \equiv 5(mod7)$, que para nós também não serve. Tentando o 3 obtemos 4 e com 4 obtemos 3. Com o 5 nosso retorno será 2. Finalmente quando chegamos ao 6 nós temos que $6 \cdot 6 = 36$, $36 \equiv 1(mod7)$. Com isso podemos concluir que o inverso multiplicativo de 6 no módulo 7 é o próprio 6.

Para simplificar o que foi dito acima, podemos dizer a operação de inverso multiplicativo no módulo n para a consiste em encontrar um número a' tal que:

$$a \cdot a' \equiv 1(modn)$$

4.2 Inexistência e existência de inversos

Antes de começarmos vamos tentar calcular o inverso multiplicativo de 2 no módulo 8, vamos lá:

$$\begin{aligned}2 \cdot 0 &\equiv 0 \not\equiv 1(\text{mod}8) \\2 \cdot 1 &\equiv 2 \not\equiv 1(\text{mod}8) \\2 \cdot 2 &\equiv 4 \not\equiv 1(\text{mod}8) \\2 \cdot 3 &\equiv 6 \not\equiv 1(\text{mod}8) \\2 \cdot 4 &\equiv 8 \equiv 0 \not\equiv 1(\text{mod}8) \\2 \cdot 5 &\equiv 10 \equiv 2 \not\equiv 1(\text{mod}8) \\2 \cdot 6 &\equiv 12 \equiv 4 \not\equiv 1(\text{mod}8) \\2 \cdot 7 &\equiv 14 \equiv 6 \not\equiv 1(\text{mod}8)\end{aligned}$$

Não encontramos nenhuma resposta pois, simplesmente, não há. Antes que se pergunte o motivo de não tentarmos com números maiores que 7, é válido lembrar que a partir do 8 teríamos a repetição de resultados por conta das congruências.

A operação de inverso multiplicativo só possui resultado em casos onde o número a ao qual queremos calcular o inverso e o módulo são *primos entre si*, ou seja, não possuam nenhum fator em comum. Por conta disso usamos os números primos no algoritmo RSA.

Para comprovar o que foi dito acima, vamos tomar um número a , tal que

$$a \cdot a' \equiv 1(\text{mod}n)$$

isso pode ser traduzido em linguagem humana como n divide $a \cdot a' - 1$. Isso em linguagem matemática pode ser escrito como:

$$a \cdot a' - 1 = n \cdot k$$

como estamos atrás de saber se a e n não possuem fator comum, então há de haver um k inteiro para a equação acima. Nosso primeiro passo para provar isso será de se criar o conjunto $V(a, n)$, esse conjunto é formado por inteiros positivos e pode ser escrito como

$$x \cdot a + y \cdot n$$

Em um primeiro momento este conjunto e esta nova fórmula podem parecer estranhos ao que se via antes, mas se comprovarmos que $1 \in V(a, n)$, concluímos que devem haver dois inteiros x_0 e y_0 , ou se preferir a' e k , logo:

$$1 = a \cdot a' - n \cdot k$$

Uma das propriedades deste conjunto é a de n pertencer a ele quando $x = a' = 0$ e $y = k = 1$. Isto significa que os inteiros que podem completar a equação estão entre 1 e n . Mas para podermos dar essa demonstração como completa, precisamos provar que $m = 1$.

Estou achando que está confuso, peço que marque muito nesse final

Referências Bibliográficas

- [DH76] Diffie, Whitfield e Martin Hellman: New directions in cryptography. IEEE transactions on Information Theory, 22(6):644–654, 1976.
- [Gau15] Gauss, Carl Friedrich: Methodus nova integralium valores per approximationem inveniendi. apvd Henricvm Dieterich, 1815.
- [mil] Millennium Problems — Clay Mathematics Institute.
<http://www.claymath.org/millennium-problems>. Acessado em 15/11/2016.
- [Rie59] Riemann, Bernhard: Ueber die Anzahl der Primzahlen unter einer gegebenen Grosse. Ges. Math. Werke und Wissenschaftlicher Nachlaß, 2:145–155, 1859.
- [RSA78] Rivest, Ronald L, Adi Shamir e Leonard Adleman: A method for obtaining digital signatures and public-key cryptosystems. Communications of the ACM, 21(2):120–126, 1978.
- [SF09] Sinkov, Abraham e Todd Feil: Elementary cryptanalysis, volume 22. MAA, 2009.
- [Sha49] Shannon, Claude E: Communication theory of secrecy systems. Bell system technical journal, 28(4):656–715, 1949.